

## ARTE E TERRITÓRIO

A posição sócio-cultural como desdobramento histórico é o que nos permite trazer a público, na presente edição, uma seção denominada Pedagogias Periféricas. Como temos feito constantemente, buscamos aqui a interação de tempos e movimentos artístico-culturais que resultaram ou que ainda movem a criação nas artes da cena. Tal seção foi organizada por Rosyane Trotta, docente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O primeiro texto, que é de sua autoria, destaca o entendimento que a levou a propor e utilizar o termo periférico, que transcende o entendimento geográfico para vincula-se à pedagogia. O que se percebe, neste âmbito, é a necessidade de se reconhecer diferentes parâmetros de criação como possíveis elementos fundantes – justamente – de uma estética diferenciada. Mesmo que em eventual diálogo com os preceitos convencionais que regem a arte da cena euro-ocidental, tal prática parece mostrar-se autônoma em termos de procedimentos descobertos e aplicados.

Na sequência, o artigo de Gerson Carlos Matias de Sousa, da Universidade Federal do Ceará (UFC), trata de experiências de ensino, aprendizagem e criação levadas a efeito no âmbito da dança cênica e, neste âmbito, considera a confluência com a Educação Biocêntrica. O compartilhamento de saberes na educação não formal em atividades teatrais é tema de reflexão para o pesquisador Jorge Roberto Ribeiro Braga Júnior, da UNIRIO. Além de focar artistas e grupos que desenvolvem tais atividades, há o mapeamento de espaços onde elas ocorrem com regularidade no Rio de Janeiro, em especial na da Baixada Fluminense. Por sua vez, o o artigo de Luiz Alberto Guarnier Silva (UNIRIO) e César Augusto Paro, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), propõe o uso do Teatro do Oprimido como ferramenta pedagógica numa trajetória comunitária que se dá também no estado do Rio de Janeiro. A reflexão de Alessandra Barbosa da Nóbrega Biá (UNIRIO) e Davi Giordano, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), parte de uma iniciativa própria, um ateliê itinerante para o

desenvolvimento de processos de criação e pedagogia com crianças da periferia.

O teatro como instrumento de transformação social é o mote para o estudo de Magdalena Sophia Toledo e Magdalena Sophia Ribeiro Toledo, da Universidad Alberto Hurtado (UAH), do Chile. O artigo reflete sobre oficinas teatrais desenvolvidas pelo coletivo gaúcho Ói Nóis Aqui Traveiz e, a partir de uma perspectiva etnográfica e da convivência das autoras com o grupo, o que torna possível identificar ali práticas pedagógicas que contribuem para a constituição de um teatro político. No texto seguinte, a prática da palhaçaria como via de comunicação e expressão junto a pessoas autistas é a proposta de Cristiane Menezes Muñoz (UNIRIO) que, percebendo a essência transgressora como impulso relacional diante dessa neurodivergência, expõe sobre uma possível aproximação de caráter identitário. O que rege a proposta reflexiva de Sérgio Telles (UNIRIO), são as práticas formativas do teatro de grupo que, embora alheias ao acesso e uso de equipamentos, enunciam nessa prática um oportuno projeto político-pedagógico içado pelo autor. Encerrando a seção Pedagogias Periféricas, Wallace Lino e Fátima Lima, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), detectam possíveis insujeições ao processo de ensino-aprendizagem, por vezes padronizado na arte do Teatro, dando a conhecer o histórico e o procedimento de um dos integrantes de determinado grupo.

Diálogos e Fronteiras, a seção seguinte, traz reflexões sobre a voz falada e cantada na cena, além do corpo como memória. Ana Elizabeth Japiá Mota e Ana Paula Abrahamian de Souza, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), referem-se a uma possível incidência do trabalho criativo de crianças na escrita dramaturgica que se propõe alcança-las. Ao considerar a arte da cena como espaço para expressão de linguagens diversas, o texto dá lugar ao estudo da infância e da cultura. Em seguida, Oneide Alessandro Silva dos Santos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), versa sobre a escrita de si e a dança como prática capaz de contrapor-se a modelos hegemônicos impostos pela prática tradicional do movimento corporal e da escrita. Ao que nos parece, é também neste sentido

que versa o texto de Moacir Romanini Junior, da Escola Superior de Artes Célia Helena. Tal autor aponta a relação entre o performer, o ambiente e a memória como sendo o principal vetor na obra de Regina José Galindo, reconhecida artista guatemalteca. Ganham relevância as ações político-performáticas levadas a efeito por mulheres latino-americanas.

No ano em que se completa o bicentenário da independência administrativa e política do país em relação à monarquia portuguesa, Denise Rocha (Universidade Federal de Uberlândia - UFU), nos oferece uma reflexão acerca da última peça teatral de José de Alencar, escrita justamente para celebrar os primeiros cinquenta anos do feito. Encerrando esta edição, a figura da baiana estilizada – trazida a público por Carmen Miranda – é o mote para a escrita de Maximiliano Marques (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ) e Lisa Shaw (University of Liverpool). A ponderação se dá a partir da incidência na imagem tropical do carnaval brasileiro, com o surgimento de uma escola estética em apresentações de escolas de samba. Assim, os autores percorrem diálogos e tensões naquilo que é criado pela fantasia, tida como algo autêntico e tradicional, mas, em verdade, uma consequência da máquina do alegórico montada na modernidade.

Muito a se pensar, muito a continuar. E que assim seja!

*O Editor*